Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19718
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

A ENCRUZILHADA DO VERSO: EXU E A CATEGORIA DA AFRO-EPOPEIA EM ORIXÁS EM CORDEL, DE BULE-BULE

JOÃO EVANGELISTA DO NASCIMENTO NETO (UNEB)

Graduado em Letras Vernáculas, especialista em Estudos Literários, mestre em Literatura e Diversidade Cultural (UEFS), doutor e pós-doutor em Letras (PUCRS). É professor pleno da área de Literatura da Universidade do Estado da Bahia, Campus V, Santo Antônio de Jesus. Atua como docente permanente do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS-UNEB), do Mestrado em Tecnologias das Linguagens (PPGTEL-UNEB) e do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PROGEL-UEFS). E-mail: jeneto@uneb.br

JOÃO VITOR BISPO CERQUEIRA

É mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e graduado em Letras Vernáculas pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Desenvolve pesquisas na área de Literatura, Crítica Literária e Relações Étnico-Raciais, com ênfase em poéticas afrodiaspóricas, literatura de cordel, epistemologias pretas e na formulação conceitual da afro-epopeia. Contato: jv.cerqueirasto@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0009-0009-3993-1439 e currículo lattes: http://lattes.cnpq.br/7691654159090181.

RESUMO

Este artigo analisa a obra *Orixás em Cordel* (2018), do mestre baiano Bule-Bule, discutindo como a tessitura poética do folheto atua como instrumento político de reparação social, decolonialidade e afirmação da ancestralidade negra no Brasil. Historicamente marcado por exclusões epistemológicas e pela reprodução de intolerâncias religiosas euro-cristãs, o universo tradicional do cordel é aqui rasurado e transformado em um espaço de reverência e preservação da cosmologia iorubá. Para dar conta dessa complexidade estético-espiritual, propõe-se a formulação da categoria teórica da afro-epopeia, um arcabouço crítico voltado para as narrativas míticas dos corpos negros em diáspora, que reposiciona as divindades africanas como heróis filosóficos legítimos no campo dos estudos literários contemporâneos. Justifica-se a centralidade analítica conferida a Exu por ser ele o senhor dos começos, do movimento e da comunicação, constituindo a encruzilhada epistêmica necessária para desconstruir os estereótipos coloniais e implodir o monologismo literário hegemônico.

Palavras-chave: Bule-Bule; Literatura de Cordel; Afro-epopeia; Exu; Decolonialidade.

ABSTRACT

This article analyzes the book *Orixás em Cordel* (2018), by the Bahian master Bule-Bule, discussing how the poetic texture of the pamphlet acts as a political instrument for social reparation, decoloniality, and the affirmation of Black ancestry in Brazil. Historically marked by epistemological exclusions and the reproduction of Euro-Christian religious intolerance, the traditional universe of cordel literature is here erased and transformed into a space of reverence and preservation for the Yoruba cosmology. To address this aesthetic-spiritual complexity, the theoretical category of the **afro-epic** is proposed, a critical framework focused on the mythical narratives of Black bodies in the diaspora, which repositions African deities as legitimate philosophical heroes in the field of contemporary literary studies. The analytical centrality given to Eshu is justified as he is the lord of beginnings, movement, and communication, constituting the epistemic crossroads necessary to deconstruct colonial stereotypes and implode the hegemonic literary monologism.

Keywords: Bule-Bule; Cordel Literature; Afro-epic; Eshu; Decoloniality.

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19718
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

INTRODUÇÃO

A historiografia e a crítica literária brasileira edificaram-se, historicamente, sob o signo de uma matriz eurocêntrica e colonial que estabeleceu não apenas os critérios de legibilidade estética, mas também os parâmetros de humanidade e valor cultural de seus produtores. Como bem apontam Freitas (2018) e Silva (2013), o campo acadêmico tradicional tendeu a operar como uma estrutura de exclusão epistemológica, na qual as produções intelectuais e artísticas, oriundas de corpos negros, periféricos e de matrizes tradicionais, foram sistematicamente empurradas para as margens do saber legitimado, rotuladas sob as categorias redutoras de "folclore", "artesanato" ou "literatura menor". Esse fenômeno, que Santos (2007) denomina de *epistemicídio*, não se restringe à destruição física de povos, mas abarca a invalidação e o apagamento deliberado de seus sistemas de conhecimento e de suas manifestações artísticas. No Brasil, o racismo estrutural e epistêmico fixou o texto escrito, erudito e de influência direta europeia como o único padrão universal de manifestação do espírito literário, obliterando a riqueza das poéticas fundadas na oralidade e na ancestralidade diaspórica.

Essa tensão manifesta-se de forma contundente quando analisamos a recepção e a formatação das manifestações populares no tecido cultural da nação. A literatura, enquanto instituição, funcionou frequentemente como um aparelho ideológico de Estado voltado para a homogeneização de uma identidade nacional que escamoteava suas fraturas e contradições estruturais. Ao eleger o modelo euro-cristão como o centro irradiador do pensamento crítico, a academia brasileira distanciou-se das realidades cosmológicas que organizam a vida de parcela significativa da população. O silenciamento das narrativas míticas de matriz africana dentro do compêndio literário nacional não decorre de uma suposta ausência de valor estético ou de complexidade formal nessas produções, mas sim de um projeto político-pedagógico de dominação colonial que teme o potencial emancipatório e decolonial dessas escrituras. Consequentemente, urge a necessidade de promover uma rasura nesses parâmetros hegemônicos, permitindo que novas geografias da razão — para usar o termo de Lewis Gordon — emerjam e reivindiquem o estatuto de centralidade teórica.

É precisamente no horizonte dessa fricção epistêmica que se localiza a relevância teórica e social deste estudo, cujo foco recai sobre a obra *Orixás em Cordel* (2018), de autoria do mestre Antônio Ribeiro da Conceição, amplamente reconhecido no cenário cultural sob o nome artístico de Bule-Bule. Nascido no Recôncavo baiano, um dos principais polos de preservação e reinvenção das tradições centro-africanas e iorubanas no Brasil, Bule-Bule sintetiza em sua trajetória a figura do intelectual orgânico e do griô contemporâneo. Homem negro, nordestino, músico, repentista e cordelista, sua própria existência social desafia o arquétipo do autor literário consagrado pelo cânone burguês ocidental. Ao transitar com maestria entre a oralidade viva das ruas, das feiras livres e a fixação escrita do folheto,

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19718
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

o autor tensiona as fronteiras rígidas que a modernidade ocidental estabeleceu entre o erudito e o popular, demonstrando que a cultura de tradição oral possui uma sofisticação filosófica e estética que empareda a soberba acadêmica colonial.

O Cordel como Espaço de Disputa e a Redefinição do Sagrado

Para compreender a dimensão revolucionária da proposta de Bule-Bule, faz-se indispensável recuar historicamente e analisar a própria gênese e evolução da literatura de cordel no cenário brasileiro, compreendendo-a como um território em constante disputa ideológica. Herdeiro direto dos romances de cavalaria e das cantigas de gesta da Península Ibérica, o cordel aportou no Brasil colônia profundamente caudatário de uma visão de mundo católico-medieval, marcada pelo maniqueísmo, pela moralidade patriarcal e por um forte caráter pedagógico-catequético. À medida que se enraizou no Nordeste brasileiro, o folheto de cordel transformou-se em um dos principais veículos de crônica social, entretenimento e informação para as classes populares, consolidando um imaginário poético que operava sob a lógica da moral cristã.

Nesse contexto histórico de formação, a relação da literatura de cordel tradicional com as religiões de matriz africana, especificamente com o Candomblé, foi historicamente pautada pela violência simbólica, pela intolerância religiosa e pela reprodução de estereótipos racistas. Em uma sociedade estruturada pelo trauma da escravidão e pela subsequente política de branqueamento e criminalização dos corpos e saberes negros, os poetas de bancada — em sua maioria alinhados com o catolicismo popular ou premidos pelas demandas de um mercado leitor hegemônico — frequentemente retratavam as divindades e os rituais africanos sob a ótica do exótico, do grotesco ou do demoníaco. As práticas litúrgicas dos terreiros eram lidas pela lente da "feitiçaria" e do "atraso", servindo como contraponto negativo para a exaltação dos valores morais cristãos e eurocentrados. Assim, o cordel funcionava, não raras vezes, como um braço difusor do preconceito estrutural, reforçando a exclusão social e espiritual da população negra.

Ao publicar *Orixás em Cordel*, Bule-Bule opera uma subversão radical nessa tradição discursiva. Longe de se render ao automatismo do preconceito histórico, o mestre baiano utiliza a própria estrutura formal do cordel — suas sextilhas, setilhas e décimas rigorosamente metrificadas e rimadas — para edificar um espaço de reverência, preservação e exaltação da cosmologia iorubá. A obra não se limita a registrar o mito pelo viés da curiosidade folclórica; ela se constitui como um ato político de reparação histórica e de cura espiritual coletiva. Ao introduzir o panteão dos Orixás no universo do cordel, o autor promove o que podemos chamar de um "Xirê rítmico", convocando as divindades a ocuparem o centro da cena poética. Essa operação realiza uma dupla emancipação: descoloniza o cordel, despindo-o de seu ranço inquisitorial, e confere legibilidade literária e filosófica ao Candomblé, apresentando-o como uma sofisticada matriz de pensamento sobre o cosmos, a natureza e a existência humana.

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19718
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

A Descolonização do Olhar: Superando a Lente Ocidental sobre o Mito

A inserção de narrativas sagradas não-ocidentais no campo dos estudos literários exige uma profunda revisão das ferramentas analíticas empregadas pelo pesquisador. Como adverte, com propriedade, Clyde Ford (1999), em sua obra *O Herói com Rosto Africano*, a aplicação indiscriminada de modelos interpretativos ocidentais — sejam eles de corte estritamente formalista, estruturalista ou mesmo psicanalítico (como as teorias do monomito de Joseph Campbell) — corre o risco latente de domesticar a alteridade radical do pensamento africano. Os mitos dos Orixás não podem ser decodificados de forma satisfatória se submetidos a uma lógica dualista que separa o sagrado do profano, o corpo do espírito, ou a história do mito. Na cosmovisão iorubá, o tempo não é uma linha reta que marcha inexoravelmente em direção ao progresso, mas sim uma espiral dinâmica onde os ancestrais, os vivos e os que ainda vão nascer, coabitam o mesmo espaço existencial, mediado pelo fluxo contínuo do *Axé* (a energia vital).

Analisar a obra de Bule-Bule, portanto, a partir dos critérios tradicionais da teoria literária ocidental, implicaria incorrer em um novo ato de violência colonial, aprisionando a vivacidade do texto em categorias conceituais que lhe são estranhas. Faz-se necessário adotar uma postura teórico-crítica alinhada com as propostas do pensamento decolonial e da afrocentricidade, tal como formulada por Molefi Kete Asante. Isto significa colocar as matrizes culturais africanas e diaspóricas como o centro de sua própria análise, reconhecendo os sujeitos negros como agentes históricos e produtores de conhecimento legítimo, e não meramente como objetos de estudo de uma antropologia ou sociologia paternalista. A literatura de Bule-Bule clama por uma crítica que saiba escutar o som dos tambores que ecoam por trás das palavras e que compreenda a rima como um desdobramento do próprio ritmo ritual do terreiro.

Nesse sentido, o livro se organiza a partir de uma estrutura cosmológica precisa, selecionando seis divindades fundamentais que equilibram as forças dinâmicas do universo: três deidades masculinas, denominadas *oborós* (Xangô, Ogum e Exu), e três deidades femininas, as *yabás* (Iemanjá, Oxum e Iansã). Esta escolha não é aleatória; ela reflete o princípio iorubá da complementaridade e da busca constante pelo equilíbrio das energias cósmicas. Longe de serem figuras abstratas ou distantes, os Orixás são apresentados em sua complexidade arquetípica, manifestando virtudes, paixões, falhas e sabedorias que dialogam diretamente com a condição humana. Eles são a própria corporificação dos elementos da natureza — o fogo, o metal, os caminhos, as águas salgadas, as águas doces, os ventos e as tempestades — integrados à experiência histórica da comunidade negra que resistiu à barbárie do tráfico negreiro e da escravidão.

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19718
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

A Formulação Conceitual da Afro-epopeia

É com o intuito de conferir uma densidade conceitual adequada a essa manifestação estética e espiritual que este trabalho propõe e desenvolve a categoria teórica da afro-epopeia. O termo surge da necessidade imperiosa de tensionar e refundar as discussões clássicas em torno do gênero épico na teoria literária. Desde a poética de Aristóteles, passando pelos estudos fundamentais de Hegel e Lukács, o gênero épico foi tradicionalmente associado à infância dos povos europeus, à consolidação dos Estados-nação ocidentais (como atestam a *Ilíada*, a *Odisseia* e, posteriormente, *Os Lusíadas*) e a um modelo de heroísmo aristocrático, individualista e militarizado. Para grande parte da crítica ocidental, a epopeia seria uma forma literária fóssil, historicamente superada pelo advento do romance burguês, impossibilitada de renascer na modernidade tardia.

A afro-epopeia, contudo, irrompe na teoria literária para demonstrar que o impulso épico permanece vivo e pulsante, mas agora realocado nos corpos e nas memórias da diáspora africana. Divergindo das formulações clássicas, a afro-epopeia não canta a fundação de impérios coloniais baseados na espoliação do outro, nem exalta o herói individual que subjuga povos inteiros. Pelo contrário, ela se edifica como uma narrativa coletiva de resistência, sobrevivência e reconstituição identitária de um povo que teve seu tecido social dilacerado pelo trauma da escravização. Os heróis e heroínas da afro-epopeia são os próprios Orixás e os antepassados ilustres que, por meio de seus *itans* (narrativas míticas), oferecem à comunidade as ferramentas civilizatórias necessárias para enfrentar a opressão e reinventar a vida em solo estrangeiro.

Dessa forma, a afro-epopeia constitui-se como um arcabouço crítico voltado para os textos míticos dos corpos negros, integrando as dimensões estética, política e espiritual em uma única práxis literária. Ela reconhece que, na produção literária afro-diaspórica, o resgate do mito não configura um escape alienante da realidade histórica, mas sim a base de sustentação para a ação política no presente. O mito, reatualizado pela palavra poética do cordel, torna-se um escudo protetor e uma arma de combate contra as estruturas do racismo e do apagamento cultural. Bule-Bule, ao atuar como o artífice dessa afro-epopeia, reconfigura o estatuto do herói literário brasileiro, deslocando-o dos salões da elite agrária ou urbana para inscrevê-lo na circularidade sagrada do terreiro, onde cada estrofe do cordel funciona como um assentamento de memória e identidade.

Exú come primeiro

A escolha de iniciar ou centralizar a análise crítica de uma obra que reconstrói a cosmologia iorubá a partir de Exu não constitui um mero capricho temático, tampouco uma convenção puramente cronológica inspirada no ritual dos terreiros. Trata-se, fundamentalmente, de um posicionamento político e epistemológico de fratura colonial. Como discutido no horizonte do pensamento abissal de Santos (2007), a modernidade ocidental traçou uma linha divisória invisível e intransponível, na qual

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19718
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

tudo o que se situa além de suas fronteiras normativas — o saber produzido pelos corpos negros, as filosofias baseadas na oralidade e as espiritualidades diaspóricas — é sumariamente empurrado para o abismo da inexistência ou da barbárie. Dentro do panteão iorubá transportado para as Américas, nenhuma divindade sofreu de forma tão violenta os impactos desse epistemicídio e dessa demonização quanto Exu.

Historicamente, o colonialismo linguístico e religioso operado pelos colonizadores europeus e, posteriormente, reproduzido na literatura de cordel tradicional de matriz euro-cristã, buscou domesticar a complexidade arquetípica de Exu por meio de uma tradução reducionista e maniqueísta. Sob o olhar inquisitorial do catolicismo hegemônico, a divindade do movimento, da comunicação e do equilíbrio dinâmico foi falsamente sincretizada com a figura do Diabo cristão. Essa operação simbólica nefasta não visava apenas deslegitimar o culto, mas golpear o cerne da própria arquitetura mental e filosófica do povo negro, associando sua deidade mais dinâmica ao princípio do mal absoluto. Escolher o cordel de Exu como objeto central de análise significa, portanto, assumir a tarefa decolonial de resgatar esse princípio civilizatório, utilizando a pesquisa acadêmica como um espaço de desconstrução de estereótipos racistas históricos.

Nesse sentido, Exu justifica-se como a chave interpretativa ideal por ser o elemento que rasura a linearidade do cânone literário ocidental. Se a academia tradicional ergueu-se sobre as bases de uma racionalidade cartesiana e estática, Exu representa a própria dinâmica da contradição, do movimento e da reinvenção linguística. Ele é o senhor da linguagem, o mediador indispensável entre o *Orun* (o mundo espiritual) e o *Aiye* (o mundo material), o que significa que nenhuma palavra se articula, nenhum conhecimento se formaliza e nenhuma narrativa ganha vida sem a sua prévia ativação. Analisar Exu no universo do cordel de Bule-Bule equivale a investigar o momento exato em que a linguagem popular nordestina é fecundada pelo ritmo diaspórico, transformando a estrutura engessada do folheto tradicional em uma encruzilhada poética onde novas formas de pensar o Brasil se tornam possíveis.

Ao propor o conceito de **afro-epopeia** para analisar a produção literária contemporânea de Bule-Bule, torna-se imperioso identificar qual elemento desempenha o papel de motor propulsor dessa nova categoria estética. Na epopeia clássica de matriz aristotélica, o movimento narrativo é frequentemente impulsionado pelo destino inevitável (*fatum*) ou pelas querelas caprichosas de deuses olímpicos distantes e alheios à imanência da condição humana. Na afro-epopeia, contudo, a engrenagem que move a história, que conecta o herói mítico à experiência histórica coletiva da comunidade negra, é a agência transformadora de Exu. Ele é o princípio ordenador que impede a cristalização do mito como uma forma fóssil, garantindo que a memória dos ancestrais permaneça ativa e atuante nas lutas políticas do presente.

A escolha do cordel dedicado a Exu sustenta-se, academicamente, por ele corporificar as três dimensões constitutivas da afro-epopeia: a estética, a política e a espiritual.

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19718
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

- No plano estético, Exu é o artífice do drible e da ironia, ferramentas fundamentais de sobrevivência da poética negra que dialogam diretamente com a estrutura polifônica e dialógica da linguagem. Analisar sua presença no texto permite compreender como Bule-Bule manipula a métrica e a rima para conferir um andamento rítmico que emula a própria ginga e a imprevisibilidade da vida nas ruas.

- No plano político, Exu desestabiliza as hierarquias coloniais que colocam a cultura popular em posição de subalternidade, exigindo ser saudado em primeiro lugar e forçando a intelectualidade acadêmica a rever seus marcos teóricos.

- No plano espiritual, a deidade restabelece a conexão fraturada pelo trauma do tráfico negreiro, operando como o cordão umbilical que une os sujeitos diaspóricos à sua herança civilizatória iorubá.

Ademais, fundamentar a análise a partir de Exu permite ao pesquisador contornar as armadilhas analíticas apontadas por Clyde Ford (1999), em *O Herói com Rosto Africano*, evitando submeter as narrativas míticas negras ao monomito de Joseph Campbell. O "herói" na perspectiva de Exu não se enquadra na jornada linear do herói ocidental, que se isola da comunidade para alcançar uma redenção individualizada. O heroísmo de Exu é eminentemente comunitário, dialético e relacional. Ele não destrói o erro ou o caos; ele reorganiza as forças do universo a partir do próprio caos, demonstrando que a ordem e a desordem são faces complementares da mesma moeda existencial. O estudo desse cordel específico justifica-se, assim, por oferecer um modelo metodológico de leitura crítico-literária que respeita e se ancora na autonomia conceitual do pensamento africano, sem necessidade de validações eurocêntricas.

Exu ganhar poder sobre as encruzilhadas

Exu é a divindade mais complexa dos orixás, quase sempre associado ao mensageiro dos deuses e humanos, é através dessa divindade que Ifá entrega seus conselhos aos homens. O arquétipo de Exu representa a bússola que orienta as percepções, revelações e o equilíbrio que alteram ou sustém a vida, influenciando nossa psique nas decisões da vida:

> Por fim, Exu é o grande mediador das forças contrárias da vida. Ao negociar com os deuses, como faz com frequência nos mitos iorubanos, ele afirma um equilíbrio, por exemplo, entre a compaixão de Obatalá e o espírito guerreiro agressivo de Ogum. E, se esses deuses estão dentro de nós, então Exu representa o caminho interno que contrabalança todas as tendências opostas da nossa personalidade e, talvez, exija um empenho tão obstinado e capaz de abalar uma situação quanto o velho que passou entre os pretensos grandes amigos. Isso porque os iorubas sempre recordam que a restauração da ordem começa com a extinção da falsa ordem (Ford, 1999, p. 225).

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19718
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

Exu também é associado às questões de conotação sexual, é descrito com um corte de cabelo fálico e suas celebrações e cânticos rememoram suas façanhas e infortúnios. Segundo Ford (1999, p. 225), a sexualidade é uma característica do culto a Exu, por expor a energia vital, da mesma forma que Obatalá usa a energia vital para modelar seres humanos: "Esse aspecto de Exu como personificação da energia vital, abrange seu papel de angariador de sacrifícios, já que o sacrifício serve a mais do que apenas "sossegar os deuses" (idem).



Figura 22: Gravura Exu, de Klévisson Viana
Fonte: Orixás em Cordel (BULE BULE, 2018).

Exu é o orixá da comunicação, o mensageiro, senhor dos caminhos, sendo considerado o orixá mais próximo dos homens: "Exu é o nosso interior, é a nossa intimidade, o nosso poder de ser bom ou mau, de acordo com a nossa própria vontade. Exu é o ponto mais obscuro do ser humano e é, ao mesmo tempo, aquilo que existe de mais óbvio e claro" (Barcellos, 2002, p. 51):

> Legba é inclassificável, embaralha as classificações, as ordenações. O espaço, as regras, as categorias não lhe impõem limites. Para ele, o pensamento se desorienta, é um jogo pelo qual as significações entram em curto-circuito e se transformam. […] Legba, o grande comunicador, brinca com a linguagem para criar o movimento nas classificações sociais e nas lógicas que as sustentam; pode-se aplicar nele a propósito […] Legba atravessa com suas turbulências os territórios dos poderes (Balandier, 1997, p. 140-141).

Nesse ponto da narrativa, Exu ganha o poder sobre as encruzilhadas e Bule-Bule narra como Exu, através da convivência com Oxalá e da sua sede de conhecimento, recebeu o poder de governar as encruzilhadas. A imagem da encruzilhada é o ponto de encontro de ruas e estradas. Esse lugar possibilita a escolha de seguir em frente ou não. Para os praticantes das religiões de matriz africana,

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19718
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

a encruzilhada é a morada de Exu. O termo encruzilhada é vislumbrado como operador conceitual, converge para a interpretação dos caminhos sistêmicos e epistêmicos ao surgirem nos processos inter e transculturais, que se encontram em conforto e diálogo:

Quem aprender com bom mestre
Tem o direito sagrado
De elevar seu nome,
Dizer que foi diplomado
Por quem bem faz e fez bem
O bem de ter lhe ensinado.

Oxalá, pai da bondade
Divindade, ação e glória
Mente super evoluída
Registro fino da história
Toque da lira do bem
Flor eterna da memória
(Bule-Bule, 2018, p. 91).

Exu, para ganhar o poder sobre as encruzilhadas, precisou conviver com Oxalá. Anteriormente a essa relação, Exu não tinha morada fixa, riqueza ou parada, assim, no meio dessas andanças, encontrou a casa de Oxalá, que recebia visitas dos outros orixás para aprender ou realizar consultas, contudo nenhum desses orixás ficavam muito tempo, pois assim que conseguiam o que queriam, iam embora:

Ele não se achava dono
De tudo que conhecia;
Se fez e fez outros seres
Pra reinar no dia a dia,
Na sombra do pé da paz
O mundo lhe obedecia.

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19718
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

Oxalá fazia os seres
Para povoar a terra
Precisava muita paz,
Porque quem tem paz não erra.
Paz, amor e bem-querer,
É onde o cósmico se encerra
(Bule-Bule, 2018, p. 91).

No início do poema, Exu é apresentado com uma figura errante. Nesse ponto, o arquétipo do Bobo da Corte de aproxima desse orixá. Partindo de uma visão ocidental, Exu representa a malandragem, o indivíduo despreocupado que, através das suas ações, conquista seus desejos. Dessa forma, lançando um olhar para a literatura clássica eurocêntrica, Exu, no início da narrativa, poderia se encaixar no gênero literário da tragédia, contudo é necessário repensar tal sentido, rompendo com a dialética da tragédia grega, visto que Exu é o responsável de trazer o caos para se conseguir a ordem:

Exu vivia sem ganhos,
Sem emprego, sem paragem,
Só tinha a noite e o dia,
Esperteza e malandragem.
O sol para dar calor
E a lua pra dar friagem.

Não tinha cabra nem gado,
Não tinha venda, nem nada,
Nem emprego, nem roçado,
Nem profissão, nem morada,
Era um ser de mãos vazias
E mente desocupada.

Desocupado, sem arte,
Sem rumo, sem paradeiro.

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19718
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

Vagabundagem tornou-se
O seu ofício primeiro.
Exu não dava importância
A trabalho e a dinheiro.

Oxalá, com muita urgência,
Para povoar o mundo,
Mas trabalhava sozinho,
Ainda cada segundo,
Chagava alguém precisando
Daquele sábio profundo
(Bule-Bule, 2018, p. 91).

Exu foi o único orixá que ficou ao lado de Oxalá, aprendendo os conhecimentos que ele tinha a lhe oferecer. Um elemento importante da afro-epopeia é a importância do conhecimento dos mais velhos; em outras palavras, aprender através da ancestralidade. Esse processo de valorizar o conhecimento ancestral é uma característica que foi amplamente difundida no Brasil através do processo de colonização, mesmo com as problemáticas encontradas na escravidão, o povo negro não deixou de passar seu conhecimento:

> Ancestralidade, aqui, é empregada como uma categoria analítica e, por isso mesmo, converte-se em conceito-chave para compreender uma epistemologia que interpreta seu próprio regime de significados a partir do território que produz seus signos de cultura. Minha referência territorial é o continente africano, por um lado, e o território brasileiro africanizado, por outro. Por isso, meu regime de signos é a cultua de matriz africana ressemantizada no Brasil. Cultura, doravante, será o movimento da ancestralidade (plano de imanência articulado ao plano de transcendência) comum a esses territórios de referência (Oliveira, 2003, p. 5).

Outro ponto importante é a forma como Oxalá escolheu para ensinar Exu, através da observação. A relação estabelecida dos dois orixás se construiu na confiança e na persistência de Exu em querer aprender os conhecimentos que Oxalá detinha sobre a vida. A narrativa de Bule-Bule aborda a importância desse conhecimento através da relação de Exu e Oxalá, quando Exu escolhe ficar para aprender todo o conhecimento que Oxalá podia oferecer:

[...]

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19718
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

Exu prestava atenção
No que Oxalá fazia,
Dava atenção ao detalhe,
Minimamente percebia
Que o gesto do criador
A criatura trazia.

E passou dezesseis anos
Acumulado saber,
Prestando atenção em tudo,
Não quis pergunta fazer
Oxalá via em Exu
A vontade de aprender
(Bule-Bule, 2018, p. 92).

Após passar anos observando os ofícios de Oxalá, Exu passou a construir o ser humano, pois aprendera a fórmula da criação; assim, ganhou seus poderes e passou a interagir com a humanidade, seguindo seus passou nas encruzilhadas da vida. Dessa forma, antes de se comunicar com qualquer orixá, o ser humano deveria primeiro saudar e oferta oferendas a Exu, para conseguir estabelecer a comunicação com as outras divindades:

[...]
Armou pedágio na estrada,
Na encruzilhada tinha
Ele armado com Ogó,
O espaço era uma rinha;
Quem vai ou vem só prossegue
Levando uma ordem minha.

Fazia tudo ali mesmo,
Era um eterno plantão.

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19718
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

As oferendas do mestre
Passavam por sua mão,
Dependiam de Exu
Tudo ou nada, sim ou não
(Bule-Bule, 2018, p. 93).

Exu é a encruzilhada. Balandier (1997, p. 98) afirma que "por ser o Deus da comunicação, tem o dom da ubiqüidade e pode estar em ação em muitos lugares. Tem seu lugar em todos os grupos de culto e em todas as casas. É associado aos lugares de encontro e passagem, as encruzilhadas, os logradores públicos e os portais":

Começou como trabalho,
Depois se tornou morada,
Tornou-se fonte de renda,
Teve renda acumulada;
Com permissão de Oxalá,
Mora na encruzilhada
(Bule-Bule, 2018, p. 93).

Exu foi se tornando, portanto, sábio ao adquirir experiência e credibilidade com Oxalá. Para recompensar o seu empenho e dedicação, Oxalá permitiu que Exu morasse na encruzilhada, e, posteriormente, concedeu-lhe o poder sobre elas. Exu passou a reinar na encruzilhada e tudo que era oferecido a Oxalá tinha que passar primeiro por ele, assim recebendo o título de mensageiro, o senhor da comunicação. Então, Exu, que não possuía nada, encontrou residência na casa de Oxalá e, através da relação estabelecida e serviço prestados, foi tornando-se o orixá mensageiro, dono das encruzilhadas e guardião da casa de Oxalá.

A encruzilhada é o espaço de encontros e desencontros. Visto que é um lugar social e político de fala, sendo crucial para descolonizar o pensamento que se fossilizou sobre negros e subalternizados pela cultura hegemônica. A encruzilhada de Exu é o espaço das tensões e resistências das afirmações diaspóricas, que buscam colocar em pauta a fixidez do pensamento. Partindo disso, podem-se pensar a encruzilhada e Exu do ponto de vista trágico, contudo fugindo do pensamento grego, mas na epistemologia de que o trágico é o movimento, é a exaltação da vida e da alegria, já que Exu reina no caos, gerando ordem, algo que é incompreensivo ao pensamento eurocêntrico: "O trágico é a alegria" (Deleuze, 1976, p. 8).

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19718
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

Nessa encruzilhada que Bule-Bule colocou sua escrita, a obra *Orixás em cordel* se tornou uma oferenda que o autor utilizou para conectar a sociedade aos orixás. A encruzilhada é um campo de batalha que fortifica os discursos literários não autorizados, dando palco para as vozes silenciadas. Esse espaço é similar a uma máquina de guerra que afirma a humanidade do povo preto, que foi animalizado e bestializado pelas falsas afirmações eurocêntricas.

Bule-Bule transformou o espaço da encruzilhada em um lugar de criatividade, abrindo uma trincheira que questiona, desafia e desconstrói; o poeta repensa os orixás e as temáticas do cordel, constrói um diálogo permanente com a ancestralidade, através de um discurso que clama por reconhecimento, reapresentando não somente as dores, mas também as alegrias de ser filho de orixá. As fronteiras questionadas pelas constantes perguntas feitas nas encruzilhadas da afro-epopeia tornaram esse local em uma conversação perpétua de crítica à autoridade colonial e de toda fala hegemônica.

Dessa forma, a encruzilhada se torna um lugar marginal e perigoso, no sentido que desmonta e desfaz o tecido eurocêntrico. Na marginalidade que foi criada por Bule-Bule, nasceu o combustível necessário para elaborar o discurso presente neste artigo; Sendo assim, pensar um Xirê na literatura de cordel é assumir as margens, e tornar essa discussão em um ato político, ético e estético, iluminando outro modo de vida, que desestabiliza o pensamento aprisionado e centrado em uma única origem, que nega a multiplicidade e a existência de outras vozes. Esse trabalho vive na fronteira, que existe no entre-lugar, porém encontrou na presença dos orixás uma voz que criou uma fissura no discurso, rachando as palavras e propondo uma escrita de si mesmo através do outro.

REFERÊNCIAS

ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade**: a teoria do mudança social radical. High Wycombe: African American Images, 2009.

BARCELLOS, Waldemir. **Exu: o senhor das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Pallas, 2002. p. 51.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BALANDIER, Georges. **A desordem: elogio do movimento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 98.

BULE-BULE. **Orixás em cordel**. Camaçari: Pinaúma Editora, 2018.

CONCEIÇÃO, Antônio Ribeiro da (Bule-Bule). **Orixás em Cordel**. Salvador: Edição do Autor, 2018.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Tradução de Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de janeiro: Editora Rio, 1976.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FORD, Clyde W. **O herói com rosto africano**: mitos de África. Nova York: Bantam Books, 1999.

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19718
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

FREITAS, Henrique. IFÁ como multiplataforma epistêmica para os estudos literários no Brasil. *In*: DALCASTAGNÈ, Regina; LICARÃO, Bertonni; NAKAGOME, Patrícia (Orgs.). **Literatura e Resistência**. Porto Alegre, RS. Zouk, 2018.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LUKÁCS, Georg. **A Teoria do Romance**: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

OLIVEIRA, Eduardo. **Cosmovisão Africana no Brasil** – Elementos para uma filosofia Afrodescendente. Fortaleza: LCR, 2003.

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 79, p. 71-94, nov. 2007.

SILVA, Maurício Nogueira. **Literatura, cânone e exclusão**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Petrópolis: Vozes, 2017.